

# RELAÇÃO DA AUTOPERCEÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E RELIGIOSAS DOS(AS) FILHOS(AS) DE PASTORES DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

---

---

Tania M. L. Torres<sup>1</sup>  
Karyne de Souza Augusto Rios<sup>2</sup>

## RESUMO:

Participaram desta investigação 29 filhos e filhas de pastores adventistas do sétimo dia, então matriculados em curso superior (amostra de conveniência). Todos os participantes responderam um questionário semiestruturado com 74 questões. As respostas dos informantes às perguntas 47, 49, 59, 61, 68-74 foram avaliadas. Nosso objetivo foi identificar a autopercepção dos participantes em relação à religião e suas características pessoais. A análise de dados indicou que: (i) estudantes universitários são abertos à recordação e discussão de sua experiência religiosa anterior; (ii) uma autopercepção negativa da religião se correlaciona com comportamentos de rompimento do *status quo*; (iii) uma autopercepção positiva das características pessoais se correlaciona com critérios externos e subjetivos mais do que com a evidência objetiva; (iv) uma autopercepção negativa da religião se correlaciona com uma autopercepção negativa das características pessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Autopercepção, Religião, Características pessoais.

## ABSTRACT:

Twenty-nine children of Seventh-day Adventist Pastors participated in the study (convenience sample). All the participants were university students, and answered a 74-question semi-structured questionnaire. The participants' responses to questions 47, 49, 59, 61, 68-74 were assessed. Our goal was to identify the participants' self-perception concerning their religion, and personal traits. Data analysis confirmed our initial hypotheses that (i) university students are open to recalling and discussing their previous religious experience; (ii) a negative self-perception regarding religion correlates to behaviors that challenge the *status quo*; (iii) a positive self-perception regarding personal traits correlates to subjective external criteria rather than to objective evidence; (iv) a negative self-perception regarding religion correlates to a negative self-perception regarding personal traits.

KEYWORDS: Self-perception, Personal characteristics, Religion

---

<sup>1</sup>Tania M. L. Torres é pós-graduada em Relações Raciais pela UFBA e tem Mestrado em Estudos Latino-Americanos pela Universidade do Texas (EUA). Além disso, é professora de Educação, Cultura e Sociedade nos cursos de letras e história do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

<sup>2</sup>Professora da Pós-Graduação em Aconselhamento Educacional e Familiar do UNASP.

## INTRODUÇÃO

O número de filhos e filhas de pastores adventistas do sétimo dia que saem da igreja e apresentam problemas pessoais tem aumentado. Embora não haja dados recentes e precisos com respeito à situação no Brasil ou em referência específica aos filhos de pastores adventistas, a análise dos dados fornecidos por uma pesquisa Gallup realizada em 1976, nos Estados Unidos, indica que 46% dos americanos abandonam a religião na qual foram educados pelos pais, a maioria destes antes de completar vinte anos de idade (ROOZEN, 1980). Outro estudo, realizado com trinta mil jovens americanos de nível universitário de diversas filiações religiosas, mostrou que os estudantes universitários que abandonam a religião de seus pais o fazem principalmente por seu desejo de se rebelar contra o *status quo* e por causa das pressões secularizantes da sociedade (CAPLOVITZ; SHERROW, 1977).

Mais recentemente, um estudo da Universidade Andrews, instituição de ensino superior mantida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, investigou durante dez anos (1987-1996), a adoção dos valores adventistas por jovens adolescentes e seu relacionamento com a igreja. Os investigadores aplicaram anualmente um questionário de seis páginas a 1523 jovens inicialmente com mais de 15 anos de idade de 659 igrejas adventistas dos Estados Unidos e Canadá, selecionadas aleatoriamente com uma amostragem representativa das diferentes regiões geográficas da América do Norte (DUDLEY; KANGAS, 1990). Ao término de cinco anos de estudo, 25% dos jovens entrevistados, então com idade mínima de 20 anos, revelaram que não mais eram fiéis aos valores adventistas, embora só 7% dos mesmos houvessem oficialmente abandonado a religião. No entanto, a situação pode ser mais grave uma vez que esses dados se referem apenas aos 859 jovens que continuaram respondendo os questionários até a metade do estudo, isto é, 56,4% da população inicial (DUDLEY, 1993).

O Projeto Valuegenesis foi outro estudo conduzido pela Igreja Adventista com os jovens adventistas da América do Norte matriculados em instituições adventistas de ensino fundamental e secundário (BENSON; DANAHUE, 1990). Cerca de 20% dos alunos das escolas adventistas de ensino fundamental (da sexta à oitava série), todos os alunos de todas as escolas adventistas de ensino médio da Divisão Norte-Americana, seus pais, seus professores e seus pastores foram convidados a participar da pesquisa. Os questionários foram aplicados em setembro de 1989, e 8.321 (79% dos participantes) responderam que eram adventistas e que cursavam o ensino médio. A análise dos questionários mostrou, por exemplo, que 21,6% (24,3% do sexo masculino e 19,6% do sexo feminino) desses jovens são sexualmente ativos (WEINBENDER; ROSSIGNOL, 1996, p. 268). Foram considerados sexualmente ativos quaisquer informantes que responderam “sim” à pergunta “você já fez sexo alguma vez?”, mesmo que isso signifique que o fizeram apenas uma vez. O questionário esclarecia que “fazer sexo” significa “fazer amor”, ou seja, “ir até o fim” (WEINBENDER; ROSSIGNOL, 1996, p. 268).

Estamos vivendo em um mundo onde não há mais um terreno fértil para a vida amorosa (KIPNIS, 2003; BEN-ZE'EV, 2004), pois, nossa cultura promete a felicidade através das sensações corporais, estimulando os indivíduos a buscarem obsessivamente a sensualidade, a beleza, a boa forma, a juventude eterna e os êxtases das festas e dos esportes radicais. Assim, a maioria das pessoas nos grandes centros urbanos do mundo globalizado “está buscando cada vez mais no corpo as regras e os modelos com que se identificar” (AGUIAR, 2004, p. 09). Aguiar compara esse ideal de vida com aquele que as pessoas abraçavam até a década de 1970, quando “a medida da qualidade humana era dada pela densidade sentimental dos indivíduos: o que importava para um indivíduo se realizar era ver-se como uma pessoa honesta, capaz, sensível, fiel a seus ideais e tenaz em seus propósitos” (AGUIAR, 2004, p. 09). Hoje,

por outro lado, o modelo do que cada um deve ser “está ancorado na sua capacidade de extrair sensações do corpo e de corresponder a determinado padrão estético: as pessoas devem ser magras, jovens e viver um estado permanente de felicidade” (AGUIAR, 2004, p. 9). A mudança de perfil psicológico descrita por Aguiar (2004) acentua as pressões impostas sobre os jovens do século XXI, especialmente aqueles cujos pais ainda são orientados pelo antigo paradigma.

Os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia ainda, em grande medida, apresentam um discurso segundo o qual os valores morais dão a medida de sua identidade (TORRES, 2009). Com isso, percebe-se uma tensão entre o discurso que privilegia os valores morais e a prática que, muitas vezes, sucumbe aos padrões comportamentais impostos pela mídia e pelos interesses do mercado (DUDLEY, 1993, p. 21-28). A família do pastor adventista do sétimo dia não tem como administrar essa tensão, uma vez que seu papel de estrutura modelar para a igreja exige que ela se coloque inteiramente do lado dos padrões morais que a igreja advoga. Os filhos do casal pastoral sofrem, em um nível mais profundo, as dificuldades criadas por esse estado de coisas. Esse sofrimento pode ser intensificado pelo fato de uma reduzida inserção social e uma pouca maturidade emocional, que impedem que tenham uma compreensão exata da situação (DUDLEY; LAURENT, 1989, p. 408-420; TORRES, 2009). De fato, é possível que os filhos e as filhas de pastor não tenham, a princípio, sequer uma compreensão parcial de seus conflitos (DUDLEY, 1991, p. 21-22).

#### AUTOPERCEPÇÃO E ATITUDE

O termo atitude constitui um dos conceitos fundamentais da psicologia social (EAGLY; CHAIKEN, 1995), um ramo da psicologia que “tenta compreender e explicar como os pensamentos, os sentimentos ou o comportamento dos indivíduos são influenciados pela presença real,

imaginada ou implícita de outras pessoas” (ALLPORT, 1985, p. 03). Segundo um dos fundadores da psicologia social, “a atitude é um estado de preparo mental ou neural, organizado através da experiência e que exerce uma influência dinâmica sobre as respostas individuais a todos os objetos ou situações com que a pessoa se relaciona” (ALLPORT, 1985, p. 798). Pode-se dizer que, na psicologia social, uma atitude é uma ideia (componente cognitivo) carregada de emoção (componente afetivo) que predispõe (componente cognitivo) a uma classe de ações (componente conativo ou comportamental) para uma determinada classe de situações sociais (TRIANDIS, 1971). De modo mais simples (e para uso na presente investigação), as atitudes são tendências psicológicas avaliativas expressas através da ponderação quanto a uma entidade particular do comportamento e envolvendo certo grau de favor ou desfavor quanto à mesma (EAGLY; CHAIKEN, 1995).

Há uma relação intrínseca entre autopercepção e as atitudes de uma pessoa. Uma pessoa cuja capacidade de autopercepção não tenha amadurecido tampouco poderá comunicar sua compreensão desses sentimentos e reações a outras pessoas. Dessa forma, a autopercepção é o primeiro passo para a compreensão de si mesmo e a construção de relacionamentos significativos (JOHNSON, 1981, p. 20). Além disso, a autopercepção é fundamental para que uma pessoa possa tomar decisões sobre possíveis mudanças em seus padrões atuais de comportamento.

Há duas metodologias principais que podem contribuir para o desenvolvimento da autopercepção: a reflexão sobre os próprios atos e sentimentos e a análise do *feedback* de outras pessoas. A agora consagrada metáfora da janela de Johari (LUFT, 1969) identifica quatro áreas pertinentes à percepção e à autopercepção: uma área revelada (conhecida por si mesmo e pelos outros), uma área cega (conhecida pelos outros, mas não por si mesmo), uma área oculta (conhecida por si mesmo, mas não pelos outros) e uma área desconhecida (tanto para si mesmo quanto

para os outros). Nessa teoria, considera-se que energia é consumida na tentativa de ocultar informações a si mesmo ou a outras pessoas. Da mesma forma, a assim-chamada Teoria da Autopercepção (TAP), proposta pelo psicólogo Daryl Bem (1967; 1972), enfatiza a importância da autopercepção para a resolução das contradições e conflitos intrapessoais. Portanto, é imprescindível que o aconselhamento cristão resulte em maior autopercepção e maior desejo de se abrir às pessoas.

É no arcabouço da TAP que empregamos, aqui, o conceito de autopercepção. Daryl Bem defende que as pessoas desenvolvem suas atitudes ao observarem o próprio comportamento e concluírem que atitudes o causaram (BEM, 1967; 1972). A teoria de Bem vai de encontro ao senso comum porque a maioria das pessoas entende que as atitudes precedem os comportamentos e não os sucedem. Surpreendentemente, essa teoria sugere que uma pessoa induz suas atitudes, como um observador, sem acessar estados internos de cognição e humor (ROBAK; WARD; OSTOLAZA, 2005, p. 337-344). Nessa linha, a pesquisa experimental de Laird (2007) sugere que as emoções são afetadas pelo comportamento. Um exemplo clássico dessas experiências é aquela levada avante por Brunelle (2001) em que adolescentes forçados a trabalhar em atividades de serviço social acabaram se tornando pessoas mais comedidas e respeitosas dos direitos de outras pessoas, demonstrando altruísmo e consideração pelo próximo.

A TAP aborda os problemas psicológicos de um ponto-de-vista original. Ao contrário de algumas terapias psicológicas convencionais, que consideram que os problemas psicológicos vêm principalmente do inconsciente da pessoa, a TAP sugere que as pessoas desenvolvem suas dificuldades psicológicas principalmente de seus comportamentos manifestos. Assim, Haemmerlie e Montgomery (1982 e 1984) obtiveram bastante sucesso em tratar a ansiedade homossexual de pacientes submetidos à terapia fundamentada na TAP. Tais pacientes eram homens

que, passada a idade de casamento, se sentiam ansiosos na presença de pessoas do sexo feminino. Pacientes submetidos a situações de baixo nível de estresse quando em companhia de pessoas do sexo feminino relataram ter diminuído consideravelmente seus níveis de ansiedade durante e após o término da terapia.

### OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo deste trabalho é identificar a autopercepção de filhos e filhas de pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia em relação à religião e suas características pessoais. Hipotetizamos que (i) a idade universitária proporciona as condições necessárias para que um filho ou filha de pastor possa relatar suas dificuldades pessoais ou de relacionamento oriundas de sua condição. Nessa fase de sua vida, o jovem já conta com certa maturidade e, ao mesmo tempo, já se encontra exposto a um ambiente que favorece a sua abertura. Livre do controle imediato dos pais, geralmente percebe, no ambiente universitário, condições favoráveis que o dispõem a falar acerca de sua experiência e de seus problemas. O processo de desenvolvimento envolve vários aspectos do indivíduo: físico, emocional, intelectual e espiritual. Há uma inter-relação entre esses aspectos, mas o desenvolvimento de um aspecto pode se dar de forma mais rápida do que o desenvolvimento de outro. As condições da vida de um indivíduo podem lhe favorecer o desenvolvimento físico sem ajudá-lo, por exemplo, em seu desenvolvimento intelectual ou emocional, pois as condições que afetam esses vários aspectos do desenvolvimento são diferentes (MILLIKEN, 1974, p. 29). O ambiente ideal deveria contribuir para o desenvolvimento concomitante de todos os aspectos. Como os filhos de pastores adventistas geralmente frequentam universidades adventistas, e estas estão situadas próximas a pequenas cidades do interior, a certa distância das grandes metrópoles, esses jovens experimentam, em muitos sentidos, um desenvolvimento rápido e abrangente quando se mudam de seus lares para o internato ou para os alojamentos disponíveis nas imediações das

faculdades adventistas. Isso torna esse período ideal para a realização de uma pesquisa como a que empreendemos. A escolha da faixa etária dos 18-26 anos se justifica porque os jovens nela incluídos já terão vivenciado a idade apontada por pesquisas anteriores como sendo crítica para a adoção dos valores da religião adventista (DUDLEY; KANGAS, 1990; ROOZEN, 1980; DUDLEY; LAURENT, 1989; DUDLEY, 1991; 1993), o que deve lhes ter permitido fornecer uma descrição mais minuciosa desse processo. Hipotetizamos, ainda, que: (ii) uma autopercepção negativa da religião está relacionada com comportamentos de rompimento do *status quo*; (iii) uma autopercepção positiva das características pessoais, nessa idade, está relacionada mais com a avaliação subjetiva realizada por terceiros do que com um indício objetivo percebido pelo próprio informante; (iv) uma autopercepção negativa da religião está relacionada a uma autopercepção negativa a respeito das características pessoais.

Existe, atualmente, uma tendência nos estudos étnicos de se valorizar a participação do assim-chamado *ethnic insider* (FONER; RUMBAUT; GOLD, 2000). Isto é, sociólogos e antropólogos têm chegado à compreensão de que é mais fácil para uma pessoa que pertença ao grupo étnico sob estudo obter, dos informantes, dados precisos e confiáveis. Parece que o grupo étnico se sente menos ameaçado quando vê o investigador como pertencente ao mesmo grupo, o que produz o desejável resultado de as informações serem disponibilizadas com menos restrições. O tema sob estudo é, em certos sentidos, constrangedor, uma vez que envolve o tratamento de questões de foro íntimo que podem produzir desconforto em certas situações. Nossa intenção foi aplicar a categoria sociológica e antropológica do *ethnic insider* aos estudos psicológicos desenvolvidos na linha de pesquisa de aconselhamento familiar conforme esta é desenvolvida pelo curso de pós-graduação em aconselhamento familiar e educacional oferecido pelo UNASP. Além disso, ao estudar a população escolhida, procuramos dar uma contribuição relevante ao

conhecimento do perfil psicológico típico de um filho ou filha de pastor adventista, contribuindo para a estabilidade familiar de um segmento vital para que a Igreja Adventista do Sétimo Dia cumpra sua missão de prover modelos para a sociedade em geral.

Uma pesquisa desenvolvida em 2008 e 2009 a partir de entrevistas com 60 esposas de pastor de diversas regiões do Brasil (TORRES, 2009) revelou que a instabilidade emocional e espiritual de seus filhos diante das exigências excessivas por parte dos membros da igreja adventista do sétimo dia em relação a seu comportamento, representa um problema que necessita ser urgentemente abordado a partir da perspectiva da psicologia e do aconselhamento familiar. Foi nossa intenção, portanto, dar continuidade àquela pesquisa, dando-lhe um novo enfoque a partir da percepção que esses jovens têm de suas dificuldades.

## MÉTODO

### PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 29 filhos e filhas de pastores adventistas do sétimo dia (amostra de conveniência), que se dispuseram a responder o questionário e que preencheram as condições de serem filhos de pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia e estarem matriculados em curso de ensino superior no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), em Engenheiro Coelho. Dez participantes eram do sexo feminino e 19 do sexo masculino. Destes, apenas três residiam fora do internato, sendo alunos internos os outros 26 participantes. Todos os participantes eram solteiros e sua idade variou de 18 a 28 anos de idade. A média de idade foi, portanto, de 23,5 anos. A idade de 21 anos foi tanto a moda quanto a mediana.

### LOCAL

O UNASP caracteriza-se por ser um centro universitário de orientação religiosa que funciona em regime de internato e semi-internato.

A instituição conta com três *campi* (São Paulo, Engenheiro Coelho e Hortolândia) e provê educação em três turnos (matutino, vespertino e noturno). A pesquisa se ateve ao campus 2, em Engenheiro Coelho, e ao curso noturno. Esse campus tem a maioria dos alunos da Instituição.

## INSTRUMENTO

A pesquisa contou com cinco fases distintas:

- (i) Etapa de elaboração do questionário.
- (ii) Etapa de contato, quando abordamos o responsável pelo setor de pesquisa, alguns docentes e alguns participantes potenciais na instituição.
- (iii) Etapa de aplicação do questionário.
- (iv) Etapa de tabulação e análise dos dados.

O questionário elaborado foi do tipo semiestruturado e contou com 74 questões (com perguntas abertas), divididas em sete seções. As sete seções foram intituladas: (1) informações pessoais, (2) vida acadêmica, (3) vida familiar, (4) sexualidade, (5) religião, (6) relacionamento com o sexo oposto e (7) características pessoais. Embora o questionário aplicado aos participantes contivesse 74 perguntas, a análise de conteúdo com a finalidade de publicação deste artigo incluiu apenas onze perguntas (isto é, 14,8% do total de perguntas), representativas de duas áreas: religião e autopercepção das características pessoais. Dessas, quatro perguntas (47, 49, 59 e 61) se referiram especificamente à espiritualidade do participante e sete perguntas (68, 69, 70, 71, 72, 73 e 74) se voltaram para a autopercepção de suas características pessoais: O que você sente em relação à Igreja Adventista do Sétimo Dia? Como você vê Deus em sua vida? Como os membros da igreja deveriam tratar os filhos de pastor? O que o impede de deixar de ser adventista? Como você se sente por ser filho(a) de pastor? O que poderia torná-lo(a) mais feliz como filho(a) de pastor? Como você se sente em relação a seu corpo, peso, altura e

compleição? O que você pensa de sua aparência física? De que você não gosta em si mesmo(a)? O que você acha de sua inteligência? Já pensou em tirar a própria vida? Por quê?

O setor de pesquisa da instituição não julgou necessária a submissão formal da pesquisa a um comitê de ética em pesquisa, preferindo que o desenho da pesquisa se enquadrasse apenas em suas normas internas. Apesar disso, recorreremos, nesta investigação, a procedimentos que estão de acordo com os padrões éticos da pesquisa envolvendo seres humanos (SILVA, 2008, p. 244-247), com a Declaração de Helsinki de 1975, tal como revista em 1983, e com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Por isso, optamos por não revelar os nomes dos informantes ou suas iniciais nem qualquer outro dado que permita a sua identificação. De fato, todo esforço foi envidado a fim de evitar constrangimentos aos participantes, podendo estes desistir de participar a qualquer momento. O questionário aplicado aos participantes explicitava, no seu cabeçalho, que o participante podia desistir da pesquisa a qualquer momento e que podia deixar de responder a qualquer pergunta que o constrangesse.

Depois disso, entramos em contato com alguns professores da instituição solicitando sua ajuda para identificar potenciais participantes. Um professor que lecionava disciplinas (religião, filosofia, português e inglês) em seis cursos diferentes (administração, ciências contábeis, jornalismo, letras, publicidade e tradutor/intérprete), se dispôs a nos ajudar a constituir a amostra. Uma vez conseguida a permissão da instituição e contando com a colaboração de um docente, passamos a abordar os alunos de modo geral, indagando quem era filho ou filha de pastor e se consentiriam em participar de uma pesquisa voltada para o aconselhamento cristão. Nesse momento de contato com potenciais participantes, nós lhes explicamos a natureza e objetivos da investigação e lhes garantimos o anonimato de sua participação. Vários alunos se voluntariaram não apenas a participar da pesquisa, mas também nos ajudaram a entrar em contato

com outros participantes em potencial. Assim, conseguimos incluir na amostra também alunos do curso de engenharia civil.

Uma vez obtido o consentimento dos participantes, foi-lhes entregue uma cópia impressa dos questionários com instruções para sua devolução. A fim de resguardar o anonimato do participante, o questionário deveria ser entregue em envelope lacrado sem qualquer marca de identificação. Foi designado um ponto de encontro para que os informantes entregassem, ao mesmo tempo, os questionários. No entanto, muitos participantes preferiram entregar o questionário diretamente ao professor que nos ajudara na constituição da amostra. Pelo menos metade daqueles que preferiram entregar os questionários em sala de aula, não tomaram a precaução de colocá-los em um envelope lacrado. Um único participante preferiu, por sua vez, enviar o questionário sem identificação pelo correio.

#### ANÁLISE DOS DADOS

Esta é uma pesquisa de campo com abordagem predominantemente qualitativa, cuja preocupação principal foi descrever a complexidade do problema e apresentar sugestões no processo de mudança. Por essa razão, a análise dos dados se limitou à tabulação dos dados com vistas à seleção de material relevante aos objetivos da pesquisa, sem a necessidade de tratamento rigorosamente estatístico das informações. Após tabulação, os dados foram submetidos à análise de conteúdo. A análise de conteúdo é “um método de pesquisa usado para analisar a vida social pela interpretação de palavras e imagens contidas em documentos, filmes, arte, música e outros produtos e meios culturais” (JOHNSON, 2000, p. 60). A análise de conteúdo tem sido amplamente empregada na pesquisa em sociologia e psicologia (HOLSTI, 1969; WEBER, 1990). Esse tipo de análise foi escolhido porque tem por foco principal o discurso e volta sua atenção para temas, ideias, emoções, opiniões, etc., precisamente a área

de interesse desta pesquisa (HOULT, 1972; REBER, 1995).

## RESULTADOS

A análise de conteúdo que se segue encontra-se dividida por gênero e contempla cada conjunto de respostas em relação às diferentes perguntas. Os números entre parênteses fazem referência ao número do(a) respondente. Dessa forma, é possível observar o padrão das respostas do(a) mesmo(a) participante.

TABELA 1 – SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À RELIGIÃO

Pergunta 47: O que sente você em relação à Igreja Adventista?				
Categorias	Frequência		Exemplos de Fala	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Amor ou paixão</b>	1	3	“Amo a igreja, ela foi essencial para o que sou hoje” (21).	“Amo a igreja apesar de seus defeitos” (9). “Sou apaixonada pela igreja” (28).
<b>Sensação de ser ajudado(a)</b>	5	5	“A igreja me ajudou bastante” (17). “Foi fundamental para o meu fortalecimento mental e espiritual” (18).	“Nela aprendi a ser o que sou” (2 e 26). “A igreja me ajudou com uma base” (5).
<b>Sensação de segurança</b>	2	1	“Eu me sinto seguro” (4). “A igreja é a minha família” (19).	“A igreja me protegeu dos perigos e desgostos do mundo” (29).
<b>Bem-estar</b>	7	1	“Eu me sinto bem sendo adventista” (12). “Eu me sinto bem, pois a igreja me ajudou a seguir o caminho do Senhor” (24 e 31).	“Sou feliz por ter sido criada na igreja” (8).

<b>Ambiguidade</b>	2	<p><i>“Considero-a negativa por alguns fatos e positiva por outros” (11).</i></p> <p><i>“Benéfica em todos os sentidos, menos no sexual” (27).</i></p>
<b>Mágoa</b>	2	<p><i>“Por ser filho de pastor, era mais cobrado e isso dava vontade de quebrar as regras” (15).</i></p> <p><i>“Inibia coisas de que gosto (música, teatro, cinema e shows)” (30).</i></p>

De modo geral, os participantes do sexo masculino demonstraram um nível maior de insatisfação quanto a seu relacionamento com a igreja. Dez por cento dos rapazes reconhecem guardar alguma mágoa em relação à igreja. Outros dez por cento admitiram ter sentimentos ambíguos em relação à igreja, vendo aspectos positivos e negativos em seu relacionamento com ela. 73,6% dos rapazes creditaram seu bom relacionamento com a igreja a algum benefício que receberam dela, especialmente a segurança do ambiente social estável provido pela igreja. Apenas 5% dos entrevistados atribuíram seu bom relacionamento com a igreja a aspectos mais abstratos, incluindo sua espiritualidade.

Nenhuma das moças entrevistadas relatou qualquer problema para se relacionar com a igreja. Embora a segurança e a sensação de bem-estar proporcionados pela igreja tenham sido componentes importantes de sua resposta, as moças demonstraram um entusiasmo consideravelmente maior pela igreja. De fato, 30% delas descreveram que têm um vínculo afetivo muito forte com a igreja.

TABELA 2 – SENTIMENTOS EM RELAÇÃO A DEUS

Pergunta 49: Como você vê Deus em sua vida?				
Categorias	Frequência		Exemplos de Fala	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Intimidade com Deus</b>	3	6	<p>“Deus é um pai” (25).            “Não sou eu mesmo sem Deus” (19). “Ele é o dono de minha vida” (14).</p>	<p>“Converso com Deus” (1). “Ele é o motivo de minha vida” (20). “Deus é maravilhoso para mim” (29).            “Deus é meu guia e meu Pai” (49).</p>
<b>Presença constante de Deus</b>	9	3	<p>“Está presente em todos os momentos de minha vida” (4, 12, 16 e 31). “Ele dirige minha vida” (21).            “Deus está atento aos detalhes de minha vida” (23).</p>	<p>“Acredito na presença de Deus em minha vida. Acredito também que minha mente é limitada para saber como Ele é” (9).</p>
<b>Presença ocasional de Deus</b>	3	1	<p>“Já tentei me afastar, mas Ele me encontra” (17). “Às vezes é difícil confiar nele pelo que vejo e escuto” (24).            “As vezes fala comigo, mesmo sem eu o merecer” (27).</p>	<p>“Tenho dificuldade de ter comunhão com Deus, mas não consigo deixar de acreditar nele” (2).</p>
<b>Dúvidas em relação a Deus</b>	2		<p>“Ainda está um pouco distante de mim” (3). “Às vezes sinto uma ponta de dúvida quanto a Sua existência” (22).</p>	
<b>Desinteresse por Deus</b>	1		<p>“Só confio no trabalho. Não quero saber de onde vim nem para onde vou. Só quero ser feliz” (30).</p>	
<b>Sem opinião</b>	1			

Os dados pertinentes à pergunta 49 sobre o relacionamento do(a) filho(a) de pastor com Deus revelaram resultados semelhantes àqueles dos dados colhidos em relação a seu relacionamento com a igreja. De novo, os rapazes se mostraram mais divididos a esse respeito. Cerca de 15% deles admitiram que têm dúvidas acerca da existência de Deus ou afirmaram que não se interessam pelo assunto. Outros 15% admitiram manter um relacionamento apenas ocasional com Deus. Por outro lado, 63% dos rapazes consideram que têm um relacionamento constante com Deus. Além disso, 15% dos respondentes do sexo masculino enfatizaram ter desenvolvido um relacionamento íntimo com Deus.

Apenas uma moça relatou enfrentar dificuldades para manter um bom relacionamento com Deus e 60% delas alegaram ter um relacionamento íntimo com Deus.

TABELA 3 – EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO TRATAMENTO POR MEMBROS DA IGREJA

<b>Pergunta 59: Como os membros da igreja deveriam tratar os filhos de pastor?</b>				
<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>		<b>Exemplos de Fala</b>	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Tratá-los como qualquer outra pessoa</b>	7	2	<i>“Deveriam saber que somos como qualquer pessoa” (12). “Somos pessoas normais (15 e 24)”. “Somos membros comuns (31).”</i>	<i>“Somos tentados como qualquer outra pessoa” (7).</i>
<b>Conceder-lhes atenção especial</b>	5		<i>“Somos carentes e muitas vezes esquecidos” (11). “Somos mais tentados por Satanás (19 e 21).”</i>	

			<p>“Menos cobranças” (1). “Não somos perfeitos e os membros não deveriam ficar cuidando da vida dos filhos de pastor” (2). “Somos muito cobrados” (5). “Não deveriam exigir que fôssemos modelos para as demais famílias” (28). “Não deveriam cobrar uma atitude exemplar” (29).</p>
<b>Não exigir perfeição deles</b>	5	7	<p>“Não deveriam julgar-nos perfeitos” (4). “Filho de pastor não é pastor” (18). “Deveriam aliviar a pressão” (25). “Filhos de pastor também se revoltam” (27).</p>
<b>Sem opinião</b>	2	1	

TABELA 4 – RAZÕES PARA SUA RELIGIOSIDADE

Pergunta 61: O que o impede de deixar de ser adventista?				
Categorias	Frequência		Exemplos de Fala	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Razões de fé</b>	3	3	<p>“Já pensei em sair da igreja, mas sei que Deus tem planos para mim” (15).</p>	<p>“Meu compromisso com Deus” (1). “O amor a Deus” (2). “A esperança da volta de Jesus” (8).</p>
<b>Razões teológicas</b>	3	2	<p>“Sei que é uma igreja que procura a verdade” (4). “Já pensei em me tornar Testemunha de Jeová” (19). “Estou de acordo com a doutrina” (31).</p>	<p>“Creio que estou na igreja verdadeira” (5). “Acredito na doutrina” (9).</p>
<b>Razões familiares</b>		1		<p>“Não quero dar desgosto aos meus pais” (29).</p>
<b>Razões sociais</b>	3		<p>“Não me vejo entre os mundanos” (12). “Minha namorada me mantém na igreja” (30).</p>	

<b>Benefícios materiais ou pessoais</b>	2	1	<p><i>“Estou muito bem na igreja” (17).</i>  <i>“Porque sei que é o melhor para mim” (24).</i></p>	<p><i>“Eu me sinto bem na igreja” (7).</i></p>
<b>Temor</b>	2		<p><i>“Medo de morrer eternamente” (3).</i>  <i>“Talvez o medo” (11).</i></p>	
<b>Falta de opções</b>	1		<p><i>“Se eu tirar isso, vou substituir pelo quê?” (22).</i></p>	
<b>Sem opinião</b>	5	3		

Em relação à questão 61 acerca do que os impedia de deixar a igreja adventista, 27,7% dos rapazes preferiram não responder. O alto nível de abstinência pode, no entanto, se dever à forma como a pergunta foi formulada que exigia resposta apenas no caso de o respondente já ter cogitado nessa possibilidade. Apenas 16,6% dos rapazes atribuíram sua permanência na igreja a seu relacionamento com Deus, enquanto que outros 16,6% a atribuíram a sua convicção em relação às doutrinas da igreja. 44,4% dos rapazes explicaram que permanecem na igreja por uma razão alheia à religião, especialmente a influência de outras pessoas, os benefícios de que desfrutam devido a sua condição como cristãos, temor ou falta de opções.

Do lado feminino, apenas 20% atribuíram sua permanência na igreja a uma razão alheia à religião, especialmente a influência dos pais e a sensação de bem-estar oriunda de seu envolvimento com a igreja. 50% das moças apresentaram como justificativa seu relacionamento com Deus (30%) ou sua convicção em relação à veracidade das doutrinas da igreja (20%).

TABELA 5 – SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À CONDIÇÃO DE FILHO(A) DE PASTOR

Pergunta 68: Como você se sente por ser filho(a) de pastor?				
Categorias	Frequência		Exemplos de Fala	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Abençoado(a)</b>	5	5	“Me ajuda a estar perto de Deus” (19). “Por isso, vejo uma influência forte de Deus em minha vida” (25).	“Assim, tive oportunidade de ajudar outras pessoas” (20). “Minha vida é abençoada” (26). “Acho um privilégio” (1, 8 e 28).
<b>Orgulhoso(a)</b>	1	3	“Tenho orgulho dele” (31).	“Tenho muito orgulho do meu pai” (2). “Tenho um pai que foi chamado por Deus” (5). “Meu pai soube lidar bem com isso” (9).
<b>Feliz</b>	3		“Sou feliz em ser filho de pastor embora isso não contribua para minha espiritualidade” (22).	
<b>Satisfeito(a) com o estilo de vida ou benefícios materiais</b>	7	1	“Vivo confortavelmente” (3). “Conheci muitos lugares e pessoas” (4). “A igreja me dá muitos benefícios” (15). “A igreja ajudou a custear meus estudos” (16). “Sempre amei o ministério” (21). “Gosto da rotina e das mudanças” (24).	“Recebo auxílio financeiro para escola e médico” (29).
<b>Confuso(a)</b>	1	1	“Às vezes sou feliz, às vezes não” (30).	“Em alguns momentos fui infeliz” (7).

<b>Em desacordo</b>	1	<i>“Não entendo e não concordo com muitas coisas” (11)</i>
<b>Sem opinião</b>	1	

Para responder a indagação 68 sobre seus sentimentos em relação a serem filhos(as) de pastor, os respondentes do sexo masculino se referiram principalmente à satisfação que sua condição lhes proporciona (38,8%), principalmente considerando o estilo de vida confortável de que desfrutam, com viagens frequentes, auxílio para o custeio dos estudos e a possibilidade de se mudarem para lugares diferentes. Por outro lado, 27,7% deles indicaram seu contentamento pelo fato de sua condição lhes proporcionar contínuas oportunidades de desenvolverem um relacionamento mais íntimo com Deus. 16,6% se mostraram felizes embora não apresentassem nenhuma justificativa para essa felicidade. Dez por cento apontaram para a realização profissional do pai como razão de se sentir orgulhoso de ser filho de pastor. Entretanto, 20% dos respondentes expressaram que se encontram confusos ou infelizes por serem filhos de pastor.

Nenhuma moça se diz infeliz por ser filha de pastor, embora em um caso (10%) uma respondente confidenciou que essa condição às vezes a deixa infeliz. Apenas uma moça se referiu ao conforto da vida de filha de pastor para justificar sua acomodação ao estilo de vida adventista. 30% delas enfatizaram que se sentiam orgulhosas do desempenho profissional do pai e 50% apontaram para benefícios especificamente espirituais como responsáveis pela sua felicidade por serem filhas de pastor.

TABELA 6 – EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CONDIÇÃO DE FILHO(A) DE PASTOR

Pergunta 69: O que poderia torná-lo(a) mais feliz como filho(a) de pastor?				
Categorias	Frequência		Exemplos de Fala	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Mais atenção do pai		1		<i>“Gostaria que meu pai dedicasse mais tempo à família” (1).</i>
Menos cobranças por parte da igreja	1	1	<i>“Gostaria de ter uma vida sem dever nada aos adventistas” (30).</i>	<i>“Exigem mais do que consigo ser” (2).</i>
Culpar menos a igreja	1		<i>“Não posso culpar a igreja por tudo...” (11).</i>	
Menos mudanças de domicílio		1		<i>“Não gosto quando tenho que me mudar” (20).</i>
Sem opinião	17	7		

No caso da pergunta 69 sobre o que poderia tornar o filho ou filha de pastor mais feliz, tanto os respondentes dos sexo masculino quanto os do sexo feminino, em sua maioria (89,4 e 70,0%, respectivamente), se eximiram de emitir opinião. Isso se deveu ao fato de terem sido explicitamente orientados que só o fizessem, se nutrissem algum tipo de sentimento negativo em relação à igreja. 5,2% dos rapazes disseram que gostariam de menos cobranças por parte da igreja. Igual percentagem afirmou que precisa lidar com seus sentimentos para que não se sinta inclinado a culpar a igreja por suas dificuldades. Uma moça, por sua vez, disse que apreciaria menos cobranças por parte da igreja. Outra moça ressentiu o fato de ser submetida a constantes mudanças de domicílio e preferia ter a oportunidade de se estabelecer nas localidades por um tempo mais prolongado.

TABELA 7 – SENTIMENTOS EM RELAÇÃO ÀS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS PESSOAIS

<b>Pergunta 70: Como você se sente em relação ao seu corpo, peso, altura e compleição?</b>				
<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>		<b>Exemplos de Fala</b>	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Satisfeito com peso, altura e compleição</b>	10	2	<i>“Pratico esportes” (12). “Sou normal” (13). “Sou legal” (16). “Sou bonito” (21).</i>	<i>“Emagreci e agora consigo me olhar no espelho e ser feliz” (2). “Deus me fez assim” (5).</i>
<b>Preocupação com a forma física</b>	8	8	<i>“Sou magro e barrigudo; a pior combinação” (3). “Queria ser mais alto” (11). “Estou acima do peso” (4 e 18). “Preciso engordar” (19). “Gostaria de ser menos magro” (22). “Gostaria de ser mais forte” (24). “Sinto-me fora de forma” (31).</i>	<i>“Queria ser mais jovem” (1). “Sou magra demais” (7 e 8). “Tenho características de que não gosto muito” (9). “Não gosto de como sou, mas sei que isso não está certo” (20). “Gostaria de mudar umas coisinhas” (26). “Queria ser mais magra” (28 e 29).</i>
<b>Sem opinião</b>	1			

A pergunta 70 investigou como os respondentes se sentem em relação a seu corpo, quanto aos aspectos de peso, altura e compleição física. Os rapazes (55,5%) se mostraram mais satisfeitos em relação a essas características do que as moças (20%). No entanto, 44,4% dos rapazes e 80% das moças expressaram algum tipo de insatisfação em relação a esses aspectos. O fator peso foi o mais mencionado pelos rapazes e moças que demonstraram alguma insatisfação em relação ao próprio corpo.

TABELA 8 – SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À APARÊNCIA PESSOAL

Pergunta 71: O que você pensa de sua aparência física?				
Categorias	Frequência		Exemplos de Fala	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Sou bonito(a)</b>	13	6	“As pessoas dizem que sou bonito” (4, 16, 21 e 23). “Sou simétrico” (11). “Sou bonito e musculoso” (12). “Sou a imagem de Deus” (18 e 19). “Gosto da minha aparência” (24). “Todos deveríamos achar que somos bonitos” (31).	“Recebo elogios” (2 e 26). “Tenho traços simétricos e bem delineados” (29).
<b>Tenho alguns defeitos</b>	3	2	“Me faltam algumas coisas” (3). “Não me acho bonito, eu me acho normal” (14). “Não sou nenhum galã, mas sou apresentável” (22).	“Tenho uma aparência média” (7). “Tenho defeitos, mas as pessoas gostam de mim assim mesmo” (9).
<b>Sou feio(a)</b>	1	2	“Eu me acho estranho” (15).	“Tenho uma aparência comum, sem atrativos” (8). “Sinto-me inferior e não me aceito” (20).
<b>Sem opinião</b>	2		“Não sei como responder” (13).	

A pergunta 71 continuou a investigação acerca da percepção dos respondentes em relação a sua aparência física de modo geral, especialmente em relação à avaliação de sua própria beleza. Os rapazes se demonstraram mais satisfeitos também com relação a esse aspecto. 72,2% deles disseram que se consideram bonitos, enquanto essa avaliação, por parte das moças, só foi emitida por 60% delas. A principal base objetiva utilizada por rapazes (22,2%) e moças (20%) para emitir o parecer de que se consideravam belos(as) levou em consideração os elogios recebidos de terceiros. 11,1% dos rapazes predicaram sua opinião na consideração

teológica de que foram criados à imagem de Deus. Porém, nenhuma moça expressou essa justificativa. 5,5% dos rapazes disseram que não se aceitavam, enquanto esse percentual subiu para 20% em relação às moças.

TABELA 9 – SENTIMENTOS DE REJEIÇÃO EM RELAÇÃO ÀS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

Pergunta 72: De que você não gosta em si mesmo(a)?				
Categorias	Frequência		Exemplos de Fala	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Não há nada em mim de que eu não goste</b>	6	1	<i>“Nada” (13, 17, 19, 21, 25 e 31).</i>	<i>“Nada” (26).</i>
<b>Aparência física</b>	4	2	<i>“Não gosto de meu rosto” (3). “Não gosto de minha estatura” (11). “Tenho vergonha de minha barriga” (14). “Não gosto do meu cabelo e da minha facilidade para engordar” (30).</i>	<i>“Queria ter as pernas mais grossas” (1). “Meu pé é grande e tenho marcas na pele” (2).</i>
<b>Personalidade</b>	1	2	<i>“Não gosto de minha timidez” (12).</i>	<i>“Sou muito teimosa” (28). “Eu podia ser menos arrogante e mandona” (29).</i>
<b>Aparência física e personalidade</b>		2		<i>“Tenho braços muito compridos e minha personalidade não é bem compreendida” (7). “Não gosto do meu cabelo e não gosto de não saber discutir sob pressão” (9).</i>

<b>Não há nada em mim de que eu goste</b>	1		<i>“Gostaria de mudar um pouco de tudo” (20).</i>
<b>Não gosto de falar sobre isso</b>	1		<i>“Não gosto de falar sobre isso” (8).</i>
<b>Sem opinião</b>	8	1	

Em relação à pergunta 72 sobre o que os respondentes não apreciavam em si mesmos, 33,3% dos rapazes expressaram estar satisfeitos com eles mesmos. Esse percentual cai para apenas uma pessoa dentre as respondentes do sexo feminino. Os rapazes que expressaram alguma insatisfação o fizeram motivados pela preocupação com a aparência física (22,2%) e com defeitos de personalidade (5,5%). As moças distribuíram essa preocupação igualmente entre a aparência física (20%), os defeitos de personalidade (20%) ou ambas as coisas (20%). Uma moça relatou grande rejeição de si mesma e outra moça chegou a reconhecer que o assunto a incomoda.

TABELA 10 – SENTIMENTOS SOBRE A PRÓPRIA INTELIGÊNCIA

<b>Pergunta 73: O que você acha de sua inteligência?</b>				
<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>		<b>Exemplos de Fala</b>	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Considero-me inteligente</b>	16	7	<i>“Ser inteligente não é tirar notas boas, mas saber fazer escolhas” (4). “Tenho minha própria lógica” (11). “Sempre fui elogiado pelos meus professores” (12). “Tenho facilidade para aprender” (13 e 15). “As pessoas me dizem isso” (16).</i>	<i>“Tenho facilidade para aprender” (1, 5 e 8). “Tento ser inteligente. Gosto de ler, viajar e conversar” (28). “Tenho boas notas” (29).</i>

<b>Tenho inteligência mediana</b>	2	3	<i>“Depende do assunto” (14). “Estudo para mim é blá blá blá” (30).</i>	<i>“Preciso me esforçar” (2). “Minha inteligência é mais ou menos” (7). “Sou meio preguiçosa” (9).</i>
<b>Sem opinião</b>	1			

No item 73 sobre a autoavaliação de sua inteligência, os dois grupos tiveram desempenho semelhante: 88,8% dos rapazes se consideraram inteligentes, o mesmo acontecendo com 70% das moças. Nenhum respondente, rapaz ou moça, expressou uma avaliação inteiramente negativa de sua inteligência.

TABELA 11 – PENSAMENTOS SUICIDAS

<b>Pergunta 74: Já pensou em tirar a própria vida? Por quê?</b>				
<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>		<b>Exemplos de Fala</b>	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>Nunca, por motivos religiosos</b>	3	3	<i>“Só Deus tem esse direito” (4 e 21). “A vida é um presente de Deus” (31).</i>	<i>“Não gostaria de fazer Deus chorar” (20). “Eu não iria para o céu” (2). “As bênçãos de Deus me fazem feliz” (1).</i>
<b>Nunca, por outros motivos</b>	4	2	<i>“Eu me amo” (3 e 14). “O suicídio é uma insanidade” (13). “Viver é melhor” (19).</i>	<i>“Amo viver” (29). “Seria egoísmo meu” (7).</i>
<b>Nunca, sem justificativa</b>	5	3		
<b>Sim, mas não penso mais nisso</b>	3	1	<i>“Por falta de amigos, após me mudar para outra cidade” (12). “Já imaginei, mas não seriamente” (24). “Já fui muito depressivo” (30).</i>	<i>“Estava em depressão” (26).</i>
<b>Sim, é uma possibilidade</b>	2		<i>“Sou infeliz” (11). “Já tive vontade de morrer. Isso acabaria com meus problemas” (15).</i>	
<b>Sem opinião</b>	1	1		

Em relação à pergunta 74 sobre a possibilidade de cometer suicídio e as razões para isso, 66,6% dos rapazes afirmaram nunca ter pensado nessa possibilidade. Esse índice sobe para 80% entre as moças. Quanto à razão para a imunidade em relação aos pensamentos suicidas, os rapazes a atribuíram à religiosidade (16,6%), a outras razões (22,2%) ou simplesmente não expressaram justificativa para isso (27,7%). Dentre as moças, 30% se referiram à religiosidade; 20%, a outras razões; e 30% não apresentaram justificativa. 27,7% dos rapazes admitiram já ter pensado em se suicidar. 11,1% afirmam que ainda contemplam essa possibilidade. Dentre as moças, apenas uma admitiu ter desejado cometer suicídio.

## DISCUSSÃO

Nosso objetivo aqui foi identificar a autopercepção de filhos e filhas de pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia em relação à religião e suas características pessoais. Nossa primeira hipótese de que a idade universitária proporciona as condições necessárias para que um filho ou filha de pastor possa relatar suas dificuldades pessoais ou de relacionamento oriundas de sua condição parece ter sido confirmada, uma vez que os respondentes adotaram geralmente um comportamento aberto e foram consideravelmente verbosos ao reagirem às indagações que os questionários lhes propunham.

A segunda hipótese de que uma autopercepção negativa da religião está relacionada com comportamentos de rompimento do *status quo* também parece ter sido confirmada, especialmente entre os informantes do sexo masculino. O respondente n°. 15 afirmou que as cobranças da igreja o motivavam a “quebrar as regras” e o respondente n°. 30 declarou que a igreja “inibe coisas de que gosta: música, teatro, cinema e shows”, atividades que são desaconselhadas aos membros da igreja. O mesmo respondente n°. 15 reconheceu já ter considerado a possibilidade de deixar a igreja e, inclusive, de cometer suicídio. Enquanto isso, o

respondente nº. 30 declarou que não mais se preocupa seriamente com as recomendações comportamentais da igreja, a felicidade pessoal sendo sua única preocupação imediata e confessando que só permanece na igreja para agradar a namorada. Esse informante reconheceu travar uma batalha contra a depressão e afirmou que ser filho de pastor às vezes o deixa feliz, mas às vezes, não. De fato, ele expressou seu desejo de viver uma vida “sem dever nada aos adventistas”. Esses dados proveem corroboração adicional ao estudo de Caplovitz e Sherrow (1977), que aponta para a rebeldia contra o *status quo* como um dos dois principais fatores por que estudantes universitários abandonam a religião de seus pais.

A terceira hipótese de que uma autopercepção positiva das características pessoais está relacionada mais com a avaliação subjetiva realizada por terceiros do que com um indício objetivo percebido pelo próprio informante parece se confirmar parcialmente. Alguns respondentes recorreram a aspectos objetivos para indicarem sua satisfação com as próprias características pessoais, sejam estas relacionadas à aparência física ou traços de personalidade. Assim, a informante nº. 2 afirmou que emagreceu e, por isso, podia se olhar no espelho e ser feliz. Para isso, parece (mas não se pode estar seguro disso) que ela dependeu da evidência objetiva da perda de peso e das alterações em sua aparência conforme percebidas no espelho. Da mesma forma, para justificar uma apreciação favorável da própria aparência, o respondente nº. 12 afirmou gostar de esportes, sugerindo que, de alguma forma, a prática de esportes lhe proporciona o sentimento de que possui a aparência desejada. No entanto, a maioria dos respondentes dependeu de uma avaliação subjetiva por parte de terceiros para expressar a justificativa por que julgavam ter uma boa aparência ou personalidade. Os respondentes nº. 4, 16, 21 e 23, por exemplo, afirmaram que se achavam bonitos porque as pessoas lhes diziam considerá-los bonitos. As respondentes nº. 2 e 26 afirmaram que a convicção de serem belas emanava dos elogios que recebiam.

O respondente nº. 12 justifica por que se considera inteligente com a afirmação de que sempre foi elogiado pelos professores. O respondente nº. 16, por sua vez, com o fato de que a pessoas lhe dizem que é inteligente. A análise das respostas dos informantes às perguntas propostas sugere, como já havia postulado Allport (1985, p. 3) que “os pensamentos, os sentimentos ou o comportamento dos indivíduos são influenciados pela presença real, imaginada ou implícita de outras pessoas”.

Finalmente, a quarta hipótese de que uma autopercepção negativa da religião está relacionada a uma autopercepção negativa a respeito das características pessoais parece se confirmar parcialmente. Os dados indicam que os respondentes que se sentem insatisfeitos com as cobranças e imposições da igreja tendem a ter uma autopercepção negativa de suas características pessoais, embora outros respondentes demonstrem essa mesma autopercepção negativa em relação às próprias características mesmo sem se queixarem da igreja. Ou seja, parece que o se sentir confortável em relação à religião não confere ao filho(a) de pastor uma imunidade em relação à uma apreciação negativa de si mesmo(a). Por outro lado, a insatisfação com a igreja parece servir de catalisador para esse tipo de apreciação. Os dois respondentes do sexo masculino que foram mais enfáticos em sua declaração de que a relação com a igreja os deixava infelizes foram o nº. 11, 15 e 30. O primeiro deles afirmou encontrar-se infeliz e confuso. De acordo com ele, “não concordava com nada” e, por isso, tinha que recorrer a uma “lógica própria”, tendo, inclusive, contemplado a possibilidade de tirar a própria vida. O respondente nº. 15 afirmou sentir-se “estranho” e ter “vontade de morrer”. Ambos reconheceram ter dificuldades para aceitar a própria aparência, especialmente, no caso do informante nº. 11, a baixa estatura. O respondente nº. 30, que também verbalizou sua insatisfação em relação à condição de filho de pastor, reconheceu não gostar do próprio cabelo, achar-se gordo e ter tendência para a depressão. Por isso, disse que já

teve vontade de se matar. A única moça (respondente nº. 7) a expressar seu sentimento de infelicidade às vezes por causa do fato de ser filha de pastor descreveu-se como sendo magra demais, de aparência comum, braços muito compridos, com dificuldades para ser compreendida e destituída de inteligência. É difícil precisar, em todos esses casos, se é a dificuldade de aceitar as características pessoais que leva esses jovens a também expressarem suas dificuldades para com o fato de que são filhos de pastor ou o inverso disso. Entretanto, parece que há certa relação entre uma autoapreciação negativa e as dificuldades que os filhos de pastores adventistas demonstram para lidar com essa condição.

Estamos cientes, no entanto, das limitações do *ethnic insider* na realização do tipo de investigação que propusemos. A agora renomada pesquisa empreendida por Verghese (1994) com os pacientes portadores de imunodeficiência adquirida, em uma cidade do Tennessee, provou que, muitas vezes, é uma vantagem não ser membro do grupo sob estudo. Alguns chegam a considerar que o melhor *ethnic insider* é, paradoxalmente, o *ethnic outsider* (SRIKANTH, 2004). A maior dificuldade reside em manter a objetividade diante da tensão existente entre ser pesquisadora e pertencer ao grupo étnico e/ou religioso sob estudo. Horarik (2005, p. 5), por exemplo, ao investigar, como *ethnic insider*, os Alcoólatras Anônimos da Austrália, para sua tese de doutorado, muitas vezes se viu interagindo com os informantes de modo a lhes passar sua própria experiência na luta contra o alcoolismo. O desafio é, portanto, estarmos científica e apaixonadamente engajadas no estudo do objeto da pesquisa, mas manter um grau adequado de objetividade enquanto isso. Por outro lado, o ponto-de-vista do *ethnic insider* é indubitavelmente privilegiado. De acordo com Turnbull (1995, p. 28, apud HORARIK, 2005, p. 6), a decisão de prescindir da perspectiva de um *ethnic insider* e usar uma abordagem taxonomizante seria a mesma coisa que tomar um copo de água do mar, pesá-lo, analisar seu conteúdo e, então, dizer: - Agora sei o

que é nadar no oceano!

Pretendemos, no futuro, dar continuidade a essa pesquisa com o exame dos questionários a fim de apresentar e discutir os dados contidos nas outras perguntas, ampliando a discussão aqui empreendida a fim de propormos uma análise inicial de alguns aspectos relacionados à vivência do filho ou filha de pastor adventista no novo século e sugerir formas de aconselhamento familiar que possam abordar os problemas emocionais que hoje os acometem. Entretanto, o questionário precisa ser ainda validado a fim de propiciar avaliações mais específicas. Além disso, são necessários mais estudos para se aprofundar a análise dos dados.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns aspectos sobressaem na análise das falas de filhos e filhas de pastores adventistas quando confrontados com perguntas acerca do impacto que sua condição tem ou teve em suas vidas. Nota-se, primeiramente, que os rapazes verbalizam mais do que as moças suas ressalvas ao modo como os membros da igreja adventista exigem que assumam, todo o tempo, um comportamento entendido como modelar. Por outro lado, as moças relataram mais consequências negativas dessa cobrança. Por exemplo, enquanto os rapazes afirmam não aceitar esse tipo de cobrança, demonstram, com poucas exceções, confiança em si mesmos e o relato de que são bonitos, inteligentes e felizes. As moças, por outro lado, não reclamam tanto de sua convivência com os membros da igreja, mas relatam certo nível de rejeição pessoal de sua aparência física e valor como seres humanos.

Já em relação a seu relacionamento com Deus, os rapazes parecem não considerar esse elemento como o mais importante em relação à igreja. A avaliação de aspectos sociais e dos benefícios tangíveis de ser filho de pastor parece influenciar muito mais a forma positiva como se vêem. O aspecto doutrinário ou espiritual não parece ser o principal elemento que

os leva, por exemplo, a permanecer na igreja ou a não cometer suicídio. O que eles reivindicam como fator determinante para isso é o relacionamento que têm com as pessoas, principalmente os elogios que recebem e o estilo de vida benéfico adotado pelos membros da igreja. As moças, por outro lado, relataram ter um interesse espiritual mais acentuado e geralmente indicaram que considerações doutrinárias e espirituais têm um papel importante na forma como avaliam a igreja e a vida.

Embora os rapazes relatem uma avaliação mais positiva de suas características físicas e de personalidade do que aquela expressa pelas moças, a análise indica que, se incomodados por algum aspecto que consideram negativo na igreja, estes têm uma maior propensão a verbalizar acerca da possibilidade de se afastar da igreja e de cometer suicídio.

Assim, enquanto as esposas de pastor expressam sua preocupação com a espiritualidade dos filhos, julgando que este é um elemento fundamental para sua permanência na igreja (TORRES, 2009), a análise aponta que, embora importante, esse não é o aspecto fundamental para que o filho de pastor tenha um relacionamento frutífero e duradouro com a igreja. Nas palavras desses jovens, um dos fatores que garante seu interesse pela igreja da qual seu pai é o pastor é a forma como essa igreja se relaciona com eles e os investimentos (de tempo, dinheiro e atenção) que essa igreja (como instituição ou como corpo de pessoas) faz nesses jovens. Para isso, que a igreja diminua seu nível de exigências quanto à apresentação de um comportamento exemplar por parte desses jovens parece ser uma condição indispensável.

#### REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adriano Amaral. **A psiquiatria no divã: entre as ciências da vida e a medicalização da existência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ALLPORT, Gordon W. Attitudes. In: LINDZEY, G.; ARONSON, E. (Eds.). **A handbook of social psychology**. 3. ed. New York: Random House, 1985. v. 1, p. 798-844.

\_\_\_\_\_. The historical background of social psychology. In: LINDZEY, G.; ARONSON, E. (Eds.). **A handbook of social psychology**. 3. ed. New York: Random House, 1985. v. 1, p. 1-46.

BEM, Daryl. Self-Perception: an alternative interpretation of cognitive dissonance phenomena. **Psychological Review**, n. 74, p. 183-200, 1967.

\_\_\_\_\_. Self-perception theory. In: BERKOWITZ, L. (Ed.). **Advances in experimental social psychology**. New York: Academic Press, 1972. v. 6, p. 1-62.

BENSON, P. L.; DANAHUE, M. J. **Valuegenesis**: report 1, a study of the influence of family, church and school on the faith, values and commitment of Adventist youth. Silver Spring, MD: North American Division, Office of Education, 1990.

BEN-ZE'EV, Aharon. **Love online**: emotion on the internet. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BRUNELLE, J. P. The impact of community service on adolescent volunteers' empathy, social responsibility, and concern for others. **The Sciences and Engineering**, n. 62, p. 2514, 2001.

CAPLOVITZ, D; SHERROW, F. **The religious dropouts**. Beverly Hills: Sage, 1977.

DUDLEY, Roger L. Survey reveals struggles of church's youth. **Adventist Review**, p. 21-22, 18 jul. 1991.

\_\_\_\_\_. Indicators of commitment to the church: a longitudinal study of church-affiliated youth. **Adolescence**, v. 28, n. 109, p. 21-29, 1993.

DUDLEY, Roger L.; KANGAS, J. L. **The world of the Adventist teenager**. Hagerstown, MD: Review & Herald, 1990.

DUDLEY, Roger L.; LAURENT, C. R. Alienation from religion in church-related adolescents. **Sociological Analysis**, n. 49, p. 408-420, 1989.

EAGLY, A.; CHAIKEN, S. Attitude strength, attitude structure and resistance to change. In: PETTY, R.; KOSNIK, J. (Eds.). **Attitude strength**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 1995. p. 413-432.

FONER, Nancy; RUMBAUT, Rubén G.; GOLD, Steven J. (Eds.). **Immigration research for a new century**. New York: Russell Sage Foundation, 2000.

HAEMMERLIE, F. M.; MONTGOMERY, R. L. Self-perception theory and unobtrusively biased interactions: a treatment for heterosocial anxiety.

**Journal of Counseling and Psychology**, n. 29, p. 362-370, 1982.

\_\_\_\_\_. Purposefully biased interactions: reducing heterosocial anxiety through self-perception theory. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 47, p. 900-908, 1984.

HOLSTI, O. R. **Content analysis for the social sciences and humanities**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1969.

HORARIK, Stefan. **Social environment and subjective experience: recovery from alcoholism in Alcoholics Anonymous in Sydney, Australia**. PhD Thesis. Department of Anthropology. University of Sydney. 2005.

HOULT, Thomas F. **Dictionary of modern sociology**. Totowa, NJ: Littlefield, Adams & Co., 1972.

JOHNSON, Allan G. **The Blackwell dictionary of sociology**. 2. ed. Malden, MA: Blackwell, 2000.

JOHNSON, David W. **Reaching out: interpersonal effectiveness and self-actualization**. 2. ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1981.

KIPNIS, Laura. **Against love: a polemic**. New York: Pantheon, 2003.

LAIRD, J. D. **Feelings: the perceptions of self**. New York: Oxford University Press, 2007.

LUFT, Joe. **Of human interaction**. Palo Alto, CAL: National Press, 1969.

MILLIKEN, Mary E. **Understanding human behavior: a guide for health workers**. New York: Delmar, 1974.

REBER, Arthur S. **The Penguin dictionary of psychology**. 2. ed. London: Penguin, 1995.

ROBAK, R. W.; WARD, A.; OSTOLAZA, K. Development of a general measure of individuals' recognition of their self-perception processes. **Psychology**, n. 7, p. 337-344, 2005.

ROOZEN, D. A. Church dropouts: changing patterns of disengagement and re-entry. **Review of Religious Research**, n. 21 (suplemento), p. 427-450, 1980.

SILVA, Wellington dos Santos. Questões éticas contemporâneas. In: TORRES, Milton L.; TORRES, Tania M. L. (Orgs.). **Ética pastoral**. São Paulo: All Print, 2008. p. 235-262.

SRIKANTH, Rajini. Ethnic outsider as the ultimate insider: the paradox of Vergheese's *My own country*. **Melus**: Journal of the Society for the Study of the Multi-Ethnic Literature of the United States, Boston, Fall-Winter, p. 1-11, 2004.

TORRES, Tania M. L. **Agridoce**: a vida da esposa de pastor. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2009.

TRIANDIS, H. **Attitude and attitude change**. New York: Wiley, 1971.

VERGHESE, Abraham. **My own country**: a doctor's story of a town and its people in the age of Aids. New York: Simon & Schuster, 1994.

WEBER, R. P. **Basic content analysis**. Beverly Hills, CA: Sage, 1990.

WEINBENDER, Miriam L. M.; ROSSIGNOL, Annette M. Lifestyle and risk of premature sexual activity in a high school population of Seventh-day Adventists: Valuegenesis, 1989. **Adolescence**, v. 31, n. 122, p. 265-281, 1996.